

---

## “A CLASSE OPERÁRIA”: UMA ALTERNATIVA?

**Carmen Dulce Diniz Vieira \***

**Daniel Castro Nascimento (Bolsista)**

**Renata Moreira Ferreira (Bolsista)**

O trabalho “A Classe Operária: uma alternativa ?” apresenta o jornal “A Classe Operária”, principal publicação do Partido Comunista do Brasil desde 1925, como objeto de estudo . A primeira parte analisou o discurso do jornal em cinco períodos, nos quais o Partido existiu legal e ilegalmente. Na segunda parte, daremos ênfase aos processos de recepção do jornal e no modo como o público assimila as mensagens a eles transmitidas e a imagem que os mesmos constroem do jornal. “A Classe Operária” surge como o principal organizador do Partido Comunista do Brasil, seguindo as orientações leninistas de imprensa e organização. Entretanto, desde o início, o jornal fere alguns pontos dessa teoria: é vertical e reproduz formas e conceitos da grande imprensa. Será que o jornal pode, realmente, ser uma alternativa, se não procura buscar um discurso diferencial? Como o público é atingido e levado a enxergar o mundo a partir da leitura desse veículo ?

**Palavras-chave: Jornalismo político. Partido Comunista do Brasil. Modelos alternativos de comunicação**

### **1. Apresentação**

“*Um jornal de trabalhadores, feito por trabalhadores*”. O subtítulo do jornal de 1º de maio de 1925 exprime os objetivos do então nascente jornal “A Classe Operária”: seria uma publicação escrita por trabalhadores, organizando-os para a conquista de seus direitos. A publicação, criada pelo Partido Comunista do Brasil em 1925, constituiu-se como o principal veículo de comunicação do PCB. É, atualmente, o principal veículo de comunicação do atual PC do B junto aos seus militantes. “A Classe Operária”, desde a sua fundação, cumpriu o papel de

manter uma organização política, sendo o principal organizador do partido mesmo nos momentos de clandestinidade.

O interesse em conhecer a trajetória de “A Classe Operária” e a necessidade sentida por nós de estudar formas de jornalismo alternativo à grande imprensa fizeram com que elaborássemos, em 1999, o projeto de iniciação científica “ ‘A Classe Operária’: uma alternativa?”. O trabalho “ ‘A Classe Operária’: considerações sobre a recepção” complementa o projeto anterior, que, em 2000, foi incorporado ao grupo de pesquisa “Comunicação e Movimentos Sociais”, formado por professores e alunos bolsistas do Departamento de Comunicação Social da UFMG.

Essa pesquisa é considerada, por nós, importante, pois ela nos dá espaço para discutir questões, de certa forma, “indiscutíveis” dentro de nossas salas de aula e nos próprios espaços de nossa universidade. Temos, com esse trabalho, o objetivo de realizar um estudo mais aprofundado sobre o papel atual da imprensa política, partidária, opinativa, no cenário político brasileiro. A partir de nossos estudos, podemos discutir a eficiência dos veículos de comunicação feitos pelas esquerdas brasileiras para a construção de um modelo hegemônico alternativo ao atual: eles reproduzem ou reinventam a realidade? .

Além desses dois objetivos, temos outro, mais ambicioso: queremos criar novos conceitos, que auxiliem a sociedade civil e os movimentos sociais a praticarem formas efetivas de comunicação popular e alternativa.

Na fase inicial do projeto, concentramos nosso estudo nas áreas de análise do discurso e teoria do jornalismo, tomando com objeto de estudo somente os jornais selecionados de acordo com momentos importantes da vida do Partido Comunista do Brasil. Entendemos, porém, que um estudo do jornal, isolado de seu público, não é suficiente para podermos compreender de maneira satisfatória qual o alcance e as funções principais do veículo. Um jornal não pode ser estudado isoladamente, tendo como referência ele próprio, ou seja, desconsiderando seus leitores e seus organizadores. Deste modo, a segunda fase da pesquisa, que teve início no segundo semestre de 2000, consiste no estudo de como o jornal foi e é lido e interpretado pelo seu leitor.

“A Classe Operária: considerações sobre a recepção” toma como recorte empírico as formas de leitura do jornal “A Classe Operária” pelos militantes dos comitês municipais do PC do B em Betim, Contagem, Belo Horizonte e Santa Luzia, na região metropolitana de Belo Horizonte. Entretanto, os estudos de recepção do jornal não param por aí. Em busca de um estudo

da recepção da “Classe” desde o seu princípio , estamos fazendo um resgate da relação do militante com “A Classe”, a partir de relatos orais de antigos membros do Partido.

## **2. Movimento operário e o Partido Comunista do Brasil**

O processo de industrialização brasileiro teve início no final do século XIX. A indústria nacional era bastante deficiente produzindo, somente, bens que não poderiam ser adquiridos mediante a importação. O país possuía sua economia baseada na agricultura, sobretudo na monocultura do café; o setor industrial, muitas vezes, existia para complementar esse ramo econômico.

Os primeiros núcleos industriais surgiram nas cidades, sendo responsáveis diretos pelo crescimento dessas e pelos problemas que nela aparecem. Os trabalhadores das fábricas, enfrentando toda a sorte de dificuldades na vida urbana e no trabalho industrial, viam como necessidade imediata a união de seu grupo de trabalho para superar crises financeiras.

O início do trabalho industrial marca também o começo do movimento de organização do operariado<sup>xxvi</sup>. Essas primeiras associações não objetivavam o confronto com o patrão, mas a autodefesa dos trabalhadores, não possuindo, em sua maioria, filiação partidária ou ideológica. Algumas tinham ligação com a Igreja Católica.

A ascensão do Partido Republicano e a implantação da República no país, em 1889, deram novo fôlego ao movimento operário brasileiro. O embate de idéias entre as mais variadas correntes políticas que aglutinavam setores da intelectualidade, da classe média e o proletariado em geral, gerou um imenso fluxo de informações no período. Tomava-se conhecimento do que acontecia no restante do país e no mundo, a partir dos mais variados jornais da época. A mobilização operária adquire um caráter diferente da fase anterior, pautando-se por reivindicações e questionamentos ao patronato.

A chegada do operário imigrante no país é de fundamental importância para a compreensão dos avanços nas formas de organização e mobilização social alcançados pelos trabalhadores brasileiros. Expulsos de seus países por exercerem atividades “subversivas” ao sistema, os imigrantes chegaram ao Brasil trazendo novas formas de luta. A corrente teórica principal seguida pela classe trabalhadora, no período, era a anarquista. A ação anarquista rechaçava qualquer forma de organização política operária, admitindo, em última hipótese, a existência de sindicatos.

A eclosão da Primeira Guerra Mundial teve importância fundamental no amadurecimento do movimento operário brasileiro. Nesse momento, desenvolvem-se as chamadas indústrias de substituição de importações, que ampliam sensivelmente o quadro do operariado brasileiro. Mesmo com o aumento de indústrias, não se vêem melhorias nas condições de trabalho e de vida dos operários: os salários continuam baixos, a jornada de trabalho longa, não existe negociações entre patrões e trabalhadores. A carestia e a Primeira Guerra Mundial mobilizaram os trabalhadores em todo o país, a partir de 1913, dando maior coesão ao movimento.

O ano de 1917 marca, também, transformações significativas no movimento operário brasileiro e mundial. Em fevereiro desse ano, eclode a Revolução Russa, na qual o movimento operário retira do poder o regime czarista, instaurando o governo dirigido pelos trabalhadores. O proletariado brasileiro recebeu com entusiasmo essa notícia, divulgando-a através de seus veículos de comunicação, além de rebater os argumentos contrários à revolução, levantados pela grande imprensa. Os jornais operários passam a divulgar algumas obras teóricas de Marx e Lênin, através de edições especiais e panfletos<sup>xxvi</sup>, difundindo, no país, os primeiros conhecimentos significativos sobre a teoria marxista.

A hegemonia do anarquismo no movimento operário brasileiro tem, portanto, seus dias contados. O III Congresso da Internacional Comunista, organizado e dirigido por Lênin, em 1919, marcou o enfraquecimento dessa corrente. A partir da III Internacional, partidos comunistas foram criados em quase todos os países do mundo. O Partido Comunista do Brasil - o PCB - foi criado em 25 de março de 1922, a partir de um congresso que reuniu cerca de 63 delegados dos grupos comunistas de Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Niterói, Cruzeiro. Três meses depois de fundado, o partido foi colocado na ilegalidade, devido ao estado de sítio imposto pelo governo de Washington Luís, em virtude do levante dos tenentes do Forte de Copacabana, insurreição armada pelo então tenente do Exército Luís Carlos Prestes.

### **3. Imprensa operária: características principais**

“A Classe Operária”, apesar de começar a circular no Dia do Trabalhador, já era uma prioridade antiga do recém-formado Partido Comunista do Brasil - o PCB. Antes de 1925, o papel de organizador coletivo do PCB era desempenhado pela revista Movimento Comunista, que tinha como proposta principal a discussão da teoria marxista-leninista. A revista objetivava

diferenciar o comunismo do anarquismo, corrente principal do movimento operário brasileiro até 1922.

Muitas características da imprensa operária anarquista permanecem nas publicações dos movimentos sociais de hoje. Uma delas é a gráfica: a ênfase desses veículos está no conteúdo e não nas formas. Eles buscam ocupar todos os espaços com informação, sem uma preocupação estética significativa. Tanto é que um jornal operário pode aparecer diferente em cada número. As condições financeiras e as máquinas são os fatores que definem o formato e o suporte dos jornais. O número de páginas também pode variar; geralmente publicam, na íntegra, resoluções e documentos produzidos em reuniões e congressos, além de convocatórias para atos, greves e demais eventos.

Mesmo com a ausência de padrões gráficos e editoriais, esse tipo de imprensa criou códigos lingüísticos e icônicos que os identificam, como a cor vermelha e a utilização de adjetivos como “companheiro” ou “camarada”.

A criação do Partido Comunista do Brasil, em março de 1922, reduziu o número de jornais operários circulantes, uma vez que as ações tenderiam a uma maior unidade. À prática jornalística operária unir-se-ia, a partir de então, a teoria leninista de imprensa, que seria o pilar do jornal “A Classe Operária”.

A teoria leninista de jornalismo propõe um modelo horizontal de comunicação, no qual os atores, apesar de cumprirem papéis diferenciados, são igualmente importantes. Os temas e problemas abordados pelo órgão central do partido devem ser baseados no material enviado ao jornal pelos seus leitores, as bases do Partido. Uma equipe de redação é a responsável por centralizar essas informações e demandas e por redigir os artigos, não constituindo, entretanto, um grupo superior (LENIN, 1979:141).

Dentro desse modelo, o jornal deve aprimorar o nível intelectual do operário; por isso, deve estar compatível com os operários mais avançados, aqueles que compreendem melhor a luta de classes.

El periódico que quiera ser órgano de todos los socialdemócratas rusos debe estar al nivel de los obreros avanzados; no debe rebajar su nivel artificialmente (...) sólo entonces serán satisfechas las demandas de la

intelectualidad obrera y ella misma tomará en sus manos la causa obrera rusa y, por conseguinte, la causa revolucionária rusa.(LÊNIN, 1979:30)

Para os setores menos esclarecidos, Lênin propõe a utilização de outros meios de agitação e propaganda<sup>xxvi</sup>, tais como folhetos escritos em linguagem popular, folhas dedicadas a locais específicos e a agitação oral - comícios, palestras, etc. As estratégias de agitação devem ser escolhidas pelo comunicador de acordo com suas condições e com o perfil do público-alvo. Lênin cita Kautsky, ao afirmar que

a agitação deve ser generalizada, mas a atividade do partido deve ser única. (Kautsky, citado por LÊNIN, 1979:31).

Para Lênin, o jornal dirigido pelo movimento operário deve contemplar as divergências do movimento, além de denunciar e discutir todas as situações nas quais os direitos democráticos sejam violados. (LENIN, 1979:41).

“A Classe Operária” apresenta muitas características que a aproximam do chamado jornalismo opinativo. O jornalismo realizado pela “Classe” é, por essência, pautado pela emissão de julgamentos, pois seu objetivo é o de levar o militante e o leitor, em geral, a agir a favor das mudanças sociais que o partido propõe.

Mesmo sendo essencialmente opinativo, “A Classe” apresenta diferenças significativas em relação ao padrão da grande imprensa: os gêneros jornalísticos e a função de cada um deles, no jornal, são bastante peculiares. A função do editorial na “Classe”, por exemplo, pode ser delegada aos documentos emitidos pelo partido, e que são publicados, em destaque, pelo jornal. Eles têm a função de explicitar a posição do partido a respeito de determinada conjuntura ou fato específico, de forma argumentativa e diretiva.

A publicação possui, também, textos que escapam do campo do jornalismo. Eles utilizam recursos provenientes da propaganda ideológica, que tem como alvo os adeptos do grupo e:

...aqueles alheios à discussão querem ganhar para sua causa os passivos, que não vão às assembléias, nem lêem os jornais políticos de combate. (TCHAKOTINE, 1939: 263).

A construção da propaganda ideológica pode ser dividida em duas fases principais. A primeira constitui o processo de elaboração da propaganda que, no caso do jornal “A Classe Operária” apresenta maior simplicidade, já que a publicação é destinada para membros que possuem, em tese, uma mesma orientação política. A propaganda tem a função de mostrar que a mudança da realidade é necessária, mostrando caminhos para isso.

A segunda etapa no processo de atuação da propaganda ideológica, a codificação, “consiste no processo pelo qual as idéias são transformadas em mensagens passíveis de serem transmitidas e entendidas” (GARCIA, 1988:28). A codificação se dá a partir de três estratégias principais: i) procura-se simplificá-las ao máximo, através de fórmulas curtas; ii) associação de uma idéia complexa a outras mais simples, geralmente através de contraste: compara-se a situação a ser explicada com outra contrária, porém conhecida pelo público alvo.

Um outro elemento importante a ser conceituado é a contrapropaganda, que se caracteriza “pelo emprego de técnicas que visam a amenizar o impacto das mensagens opostas, anulando seu efeito persuasivo”(GARCIA, 1988: 65). A contrapropaganda se dá: i) a partir da contradição das idéias do adversário com fatos reais; ii) da ridicularização do rival, seja pelo humor ou desprezo; iii) do temor das graves conseqüências que poderão surgir se as idéias opostas vencerem e iv) invenção dos fatos que se contrapõem às idéias adversárias.

#### **4. Breve estudo sobre as fases de “A Classe Operária”**

Os 76 anos de existência do jornal “A Classe Operária”, foram recortados, em nossa pesquisa, em cinco períodos da vida do Partido Comunista do Brasil: 1) período pré-Intentona Comunista (1935); 2) reorganização do PCB, em 1946; 3) Guerrilha do Araguaia, iniciada em 1972; 4) retorno à legalidade, em 1985 e 5) fase atual. Para cada fase, foram selecionados dois jornais, já que o tempo da pesquisa não viabilizou o estudo de todas as edições, como era a nossa intenção inicial.

Através do estudo dos exemplares de “A Classe Operária”, iniciada na primeira fase da pesquisa, percebemos que muitas características, presentes em todas as edições estudadas, são responsáveis por conferir uma certa identidade ao jornal. A primeira delas é o tratamento do Partido com relação aos fatores que o ameaçam: os inimigos externos, os concorrentes, os

traidores. Os inimigos do Partido são depreciados, agredidos e não possuem direito de defesa no jornal:

A guerra de rapina e de banditismo da Itália contra a Abyssínia já é uma realidade. Dezenas de milhares de abexins e de trabalhadores italianos já foram sacrificados aos instintos bestiais de Mussolini e da camarilha fascista que domina a Itália. (A CLASSE, 1935:1)

Diante disso, o Comitê Central aprovou a expulsão de Marcos e faz pública a todo o Partido, ficando terminantemente proibido qualquer ligação direta ou indireta com este renegado do Partido e da Revolução. (ACLASSE, 1935:7)

Esses crimes de Franco exacerbam o ódio que lhe têm todos os povos. (A CLASSE, 1946: 6)

A segunda característica marcante do jornal é a tentativa de edificação do partido, presente em seus textos. No exemplar de março de 2000, o jornal tenta alcançar legitimidade entre os seus leitores e o público em geral, ao lançar mão de uma grande quantidade de notas. A partir desse gênero jornalístico, predominantemente informativo, o partido tenta realizar a sua auto-edificação.

Um dos projetos de lei de maior repercussão no segundo semestre de 1999 foi o do deputado Aldo Rebelo, do PC do B/SP. (A CLASSE, 2000:2)

Já nos exemplares da 1ª fase, a edificação do partido se dá através da depreciação dos inimigos, como demonstra o trecho a seguir:

Não é por acaso que enquanto Partido Comunista se encontra na brutal ilegallidade (...) os outros partidos chamados proletários gozam da mais perfeita legalidade. Não é por acaso que, enquanto nosso valente representante da Câmara dos Deputados: o estivador Álvaro Ventura, recebe as mais infames ameaças contra sua liberdade e contra sua vida, os representantes daqueles partidos desfructam da mais agradável cordialidade parlamentar por parte dos representantes apodrecidos das

oligarchias estadoaes, agentes do imperialismo, defensores cynicos das camarilhas dominantes, de donos de terras e capitallistas”. (A CLASSE, 1934:1)

Um outro aspecto que nos chamou bastante atenção, durante o estudo dos exemplares, é a maneira como a informação é tratada no jornal. Essa informação é acompanhada, em todos os momentos, por julgamentos emitidos pelo Partido. A contra-informação, também, é um ponto forte do jornal, principalmente durante o regime militar. Um exemplo crucial da importância da contra informação veiculada pela “Classe” é o episódio Guerrilha do Araguaia: “A Classe” foi o primeiro jornal a publicar as derrotas do Exército na Revolta do Araguaia, acontecimento que havia sido informado de uma maneira completamente equivocada pela grande imprensa. Somente 9 anos após esse fato ter sido divulgado pela “Classe” é que outros jornais divulgaram-no.

Esse papel de vanguarda na veiculação de informações censuradas pelo governo e desconhecida pelo grande público fez com que o jornal atingisse um público muito mais amplo do que o dos militantes do PC do B. Entre 1966 e 1971, “A Classe” era lida por membros de diversos partidos, sindicatos e associações. Na cidade de Belo Horizonte, antes do golpe de 1964, o órgão era vendido em bancas de revistas convencionais. O jornal, nessa época, era muito mais lido do que hoje<sup>xxvi</sup>.

Para manter a veiculação de matérias de contra informação no órgão, o PC do B contava com a colaboração de jornalistas estrangeiros de tendência socialista que trabalhavam no Brasil como correspondentes internacionais. Esses jornalistas, além de apurar fatos censurados para a mídia nacional, ajudavam aos militantes a adquirirem informações de países como Cuba, Albânia e URSS. Os correspondentes internacionais que viviam no Brasil apuravam as informações e as enviavam para o exterior para que pudessem ser formatadas e retransmitidas ao Brasil através de um sistema de radiodifusão<sup>xxvi</sup>. O contato com os militantes era feito através de codinomes, para que o trabalho do DOPS fosse dificultado. A cooperação entre os jornalistas estrangeiros e os militantes não durou muito; passado algum tempo, o esquema foi delatado por membros traidores do partido.

Mesmo com tantos aspectos semelhantes, “A Classe” apresenta traços que a diferenciam em cada uma das fases. Uma dessas diferenças é como se dá a participação do leitor em suas páginas. No primeiro período pesquisado, pudemos perceber que a participação das bases no

jornal era extremamente ativa. Nos jornais dessa fase, existem várias notas enviadas à redação por células operárias de todo o país, relatando sua situação e as lutas que iriam travar. Os estilos de escrita, também, variam de artigo para artigo, dando a impressão de que o jornal era feito por muitas mãos.

No período de 1946, o jornal era, essencialmente, escrito pela Comissão Executiva e , posteriormente, pelo Comitê Central do PCB. A participação do leitor comum ficou restrita a colunas, como a denominada “O leitor escreve”. A situação se repete na fase atual da publicação, na qual o leitor participa do espaço “Mensagens”, no qual resumos de mensagens enviadas ao partido pela internet são publicadas no jornal.

O tratamento dado às grandes personalidades do Partido também é um fator fundamental para diferenciar as fases do jornal. No período pré Intentona Comunista, o Partido colocava o movimento operário combativo, inimigo de Getúlio e dos fascistas, como o grande agente modificador da sociedade brasileira.

Rompendo o cerco do terror fascista do governo de Getúlio, a população do Rio vem manifestando publicamente a sua vontade de luta contra a guerra de rapina do fascismo italiano, contra as violências e monstruosidades da polícia política do asqueroso ministro Vicente João, pelas liberdades democráticas”. (A CLASSE, 1935:1)

Aparece, aí, um “herói”: o estivador Álvaro Ventura, deputado comunista eleito em Santa Catarina. Mesmo apresentando esse herói, o jornal não dá espaço para que ele se pronuncie em suas páginas. Isso pode ser explicado pela orientação política do Partido, no momento, que é a de realizar greves; a participação parlamentar do Partido não é uma prioridade.

Ventura pisa forte na estrebaria feudal-burguesa. E, ao contrário do renegado Reikdal, vai logo dizendo que é membro do Partido de sua classe, o Partido Comunista.(A CLASSE, 1934:1)

A partir de 46, o PCB retrata suas personalidades de uma forma bastante diferente da anterior. Essas pessoas passam a constituir o eixo central do jornal, ou seja, são elas é quem dão as opiniões finais sobre a situação nacional, internacional e apontam quais os caminhos a serem

seguidos pela esquerda brasileira. Em vários momentos, o jornal faz referências a essas pessoas. A figura que mais se destaca, nesse período, é a do presidente do Comitê Central do PCB, o ex-tenente Luís Carlos Prestes.

Nesse dia, depois de quase 10 anos de prisão, foi posto em liberdade o grande camarada Prestes, a principal vítima das forças fascistas em nosso país e sobre quem se concentrava e ainda se concentra todo o ódio da reação. (A CLASSE, 1947:1)

Agora é o órgão do Partido sobre todos unitário, do Partido do proletariado e do povo, do Partido de Prestes!. (A CLASSE, 1947:6)

Ele é que assina quase todos os editoriais de “A Classe”, além de ter direito a escrever várias colunas do órgão. O personalismo chega a ser tão grande nessa fase, que a foice e o martelo e as palavras de ordem “Proletários de todos os países, uni-vos!”, que, desde o começo, foram elementos importantes de identificação do jornal com a causa comunista, desapareceram nesse período. No lugar da foice e martelo, era estampada, em quase todas os exemplares, um desenho de Prestes.

A situação de personalismo se repete na fase atual do jornal. Os membros do Comitê Central e os líderes de movimentos dirigidos pelo PC do B possuem espaço privilegiado dentro do jornal. Na edição de 2000, 90% dos artigos é assinada por membros do Comitê Central.

Mais próxima da fase inicial da “Classe” está a terceira fase do jornal. Optando pela luta armada contra a ditadura militar, os integrantes do então PC do B sofreram violenta perseguição policial. Devido à essa situação, os artigos não poderiam ser assinados e, no cabeçalho dos exemplares estudados, não há a presença da foice e martelo, mas seus outros elementos de identificação - órgão central do Partido Comunista do Brasil - e sua palavra de ordem - Proletários de todos os países, uni-vos - foram mantidos.

Mesmo quando faz a análise de eventos internacionais, como no caso da guerra do Vietnã, ou delimita posições, como a homenagem feita a Dimitrov, o jornal sempre introduz a questão brasileira, denunciando os abusos do regime militar e a necessidade de resistência popular. Os heróis, nesses jornais, são os movimentos sociais que lutam pela democracia mundial.

O povo brasileiro cada dia se compenetra mais da necessidade de se lançar à luta para derrubar a ditadura e expulsar os imperialistas norte-americanos. Esta luta é, ao mesmo tempo, a melhor solidariedade que pode prestar aos valentes povos indochineses. (A CLASSE, 1972:4)

Um outro fator a ser ressaltado na diferenciação das fases de “A Classe Operária” é o seu alcance e suas formas de distribuição. O jornal, durante a maior parte de sua existência, teve poucos períodos de circulação legal. Durante a terceira fase de existência, o jornal atingia um público muito mais amplo do que os militantes do PCB. Nas suas edições dominicais, por exemplo, o jornal chegava a destinar páginas ao campeonato carioca de futebol e à agenda cultural da cidade do Rio de Janeiro, local onde estava situado o Comitê Central<sup>xxvi</sup>. Antes do golpe de 1964, o jornal era buscado no Rio de Janeiro e era comercializado em bancas de revista e na sede do partido, na cidade de Belo Horizonte. O jornal era também distribuído para os estudantes nas universidades sob a coordenação do então dirigente do PC do B na capital mineira, Moacir de Vasconcelos.

Com a proibição da organização do PC do B e da distribuição de “A Classe”, a partir do golpe, novos mecanismos de repasse tiveram que ser criados. “Seu” Brás, um dos entrevistados, diz que, em 1967, o jornal “A Classe” era vendido clandestinamente em algumas bancas de revista cujos donos eram simpáticos à causa socialista. Ele relata que, nessa época, o volume de jornais vendidos era até mesmo maior do que a tiragem atual, provavelmente devido à agitação e vontade de mudar de grande parte da população. A partir de 1975, depois da Chacina da Lapa<sup>xxvi</sup>, o Comitê Central do PC do B exilou-se na Europa. De lá, “A Classe” passou a ser redigida e transmitida para o Brasil via rádio. Ao serem recebidas no Brasil, as informações eram algumas vezes mimeografadas para serem distribuídas e em outras vezes eram somente lidas e discutidas pelos militantes que as recebiam. Uma das formas encontradas pelos militantes para distribuir os jornais era o envio desses pelo correio, aleatoriamente, para pessoas sorteadas na lista telefônica, com o intuito de reforçar a resistência ao *status quo* no Brasil<sup>xxvi</sup>.

Mesmo com a forte marcação da censura, os membros do PC do B e de outras organizações políticas mantinham uma estrutura de organização. Eles se reuniam em lugares públicos como hospitais, cemitérios, chegando a realizar o Congresso da UNE de 1967 na praia de Copacabana. Para que o movimento de resistência se mantivesse, os comunistas tiveram que se esconder nas favelas de Belo Horizonte para manter a máquina de luta. A situação dos

militantes e da “Classe”, porém, tornou-se muito complicada devido ao fechamento do cerco sobre o movimento, o que obrigou o jornal a ficar por um certo período com sua distribuição irregular.

## 5. Conclusão

O aparecimento das novas mídias como a televisão e a Internet provocou a necessidade da reformulação do papel do jornal como meio de comunicação vital para o repasse de informações.

A agilidade com que as informações chegam até o consumidor e a atualização rápida e eficiente das notícias na televisão e na Internet são alguns dos fatores que levaram as pessoas a deixar de utilizar o jornal como instrumento primeiro de atualização, o que de certa forma enfraqueceu “A Classe”.

O papel da “Classe” hoje é informar e unificar as informações em um pensamento da militância organizada, na opinião dos organizadores do partido. O fortalecimento de “A Classe” está condicionado à organização do PC do B. Esse jornal seria um ponto de partida das ações e discussões que começam nas organizações de base.

O alcance dessa ação, entretanto, pode ser questionado. Percebemos que atualmente não existe uma uniformidade na metodologia de distribuição e vendas do jornal “A Classe Operária” nos comitês regionais de Belo Horizonte, Contagem, Betim e Santa Luzia, recorte selecionado como objeto de estudo dessa pesquisa. Apesar das diferenças locais, os comitês apresentam características em comum:

- não desenvolvem mecanismos e estratégias específicas de estímulo à distribuição e venda da “Classe”, embora em alguns comitês já exista um embrião de planejamento que se preocupe com esse tipo de problema;
- a distribuição dos exemplares da “Classe Operária” é feita, principalmente, através de assinaturas, que atingem, principalmente, os líderes das Organizações de Base. Esses podem promover ou não espaços de leitura coletiva e discussão dos temas propostos;
- a preocupação com o controle e estímulo das vendas da “Classe” vem surgindo recentemente
- os comitês pecam pela falta de união entre si, o que poderia agilizar o aumento do público leitor de “A Classe Operária”.

A importância do jornal para a vida democrática do país é fundamental. O jornal, muitas vezes, antecipou as pautas da grande mídia, colocando em discussão temas relevantes para a vida

do país. Entretanto, os problemas de interação leitor-escritor bloquearam - e bloqueiam - a atuação do Partido. Para que o jornal possa se transformar no grande porta-voz dos trabalhadores e democratas brasileiros, ele precisa instaurar, dentro de suas páginas, uma democracia interna. O jornal precisa caminhar para uma relação interativa com seu leitor. Sem essas atitudes, “A Classe” poderá não constituir, de fato, uma alternativa.

## 6. Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. 8ª. edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

196

BOBBIO, Norberto et al. Dicionário de Política. 12ª. edição. V. 2. Brasília: Editora UnB, 1983.

CARONE, Edgar. O PCB (1922-1943). Volume I. Coleção Corpo e Alma do Brasil. São Paulo: Editora DIFEL, 1982. 350 p.

\_\_\_\_\_. O PCB (1943-1964) – Volume II. Coleção Corpo e Alma do Brasil. São Paulo: Editora DIFEL, 1982. 325 p.

COSENZA, Gilse. Entrevista com a diretora do comitê municipal de Belo Horizonte. Belo Horizonte, fevereiro de 2000. Fita nº 01 (fita cassete)

CRUZ, Brás Teixeira da. Entrevista com membro do PC do B, responsável pela distribuição de “A Classe” entre 1965 e 1971. Fita nº 04 (fita cassete)

DOMENACH, Jean Marie. A propaganda política. 2ª. edição. São Paulo: Difusão européia do Livro, 1963. Coleção Saber Atual. 133 p.

FERREIRA, Maria Nazareth. A imprensa operária no Brasil (1880-1920). Coleção Meios de Comunicação social. Petrópolis: Vozes, 1978. 164 p.

\_\_\_\_\_. Imprensa Operária no Brasil. São Paulo: Ática, 1988. 93 p.

FRANÇA, Júnia Lessa. Manual para normalização de publicações técnico-científicas. 4ª. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. 213 p.

GARCIA, Nelson Jahr. O que é propaganda ideológica? 10ª. edição.  
São Paulo: Brasiliense, 1992.

LENIN, V. I. Acerca de la prensa. Moscou: Editorial Progreso, 1979. 343 p.

MELO, José Marques de. A opinião no jornalismo brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1985. 168 p.

OLEIAS, José Valmir. Breve histórico do Partido Comunista do Brasil (on line) – PC do B.  
www.pc do b.org.br.

PEREIRA, Astrojildo. Ensaio histórico e políticos. São Paulo: Editora Alfa Ômega, 1979. 240 p.

RODRIGUES, Vicente de Paula. Entrevista com o presidente do Comitê Municipal de Santa Luzia. Santa Luzia, fevereiro de 2000. Fita nº 02. (fita cassete)

ROMANO, Richard. Entrevista com o secretário de agitação e propaganda do Comitê Estadual do PC do B em Minas Gerais. Belo Horizonte, fevereiro de 2000. Fita nº 03 (fita cassete)

TCHAKOTINE, Serge. A mistificação das massas pela propaganda política. 1967.

## 8. Notas

<sup>xxvi</sup> Os escravos, desde a sua chegada ao Brasil, começaram a desenvolver formas de organização. As irmandades, juntas de alforria e os quilombos são alguns desses exemplos (FERREIRA, 1983:33)

<sup>xxvi</sup> O semanário Spartacus publica, em agosto de 1919, a “Mensagens aos Trabalhadores”, de Lênin e “A democracia burguesa e a democracia proletária”, três meses mais tarde. O semanário Alba Rossa, de São Paulo, publica em 1º de maio de 1919 um artigo de Lênin sobre a paz de Brest-Littowsk e um apelo de Maximo Gorki aos trabalhadores de todo o país. (PEREIRA, 1979:57)

<sup>xxvi</sup> A diferenciação entre agitação e propaganda foi feita por Plekhanov e foi retomada por Lênin “A agitação é feita, sobretudo, oralmente e visa inculcar uma só idéia num grande número de

pessoas; a propaganda, ao contrário, como objetivo difundir muitas idéias num audotório restrito” (BOBBIO, 1983:1018)

<sup>xxvi</sup> Relato de Brás (verificar bibliografia)

<sup>xxvi</sup> O jornal era transmitido pela Rádio Tirana, da Albânia

<sup>xxvi</sup> Em 1946, “A Classe”, possuía formato standard e circulação semanal.

<sup>xxvi</sup> A Chacina da Lapa assassinou três membros do Comitê Central do PC do B, sendo responsável pelo exílio dos outros membros do C.C.

<sup>xxvi</sup> Relato de Gilse Cosenza (verificar bibliografia)